

CINECLUBE MIOLO

LISANDRA MARIA MÜLLER¹; ANDRE DIAS RODRIGUES²; PAOLA WICKBOLDT
FREDES³; RYAN RIBEIRO DOS SANTOS⁴; CLÓVIS VERGARA DE ALMEIDA
MARTINS COSTA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – lisandramuller.5@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – andre13t@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – paolawfredes@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – ryanribeirodosantos.rs@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – clovismartinscosta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Cineclube Miolo foi uma ação de extensão vinculada ao PET Artes Visuais (Programa de Educação Tutorial), concebida por discentes dos cursos de Bacharelado em Artes Visuais, Cinema e Audiovisual e Design Gráfico. A ação teve como o objetivo promover a exibição de filmes, a fim de criar um espaço de convívio que permitisse a aproximação da comunidade externa com a universidade, além de estimular a ampliação do repertório audiovisual e o adensamento do pensamento crítico junto aos estudantes do Centro de Artes da UFPEl.



Figura 1: Logo do Cineclube Miolo. (Fonte: arquivo pessoal)

2. METODOLOGIA

Cineclubes são historicamente espaços de convívio e aprendizagem social. O Cineclube Miolo apropria-se disso e propõe um local de contato à sétima arte, sem negligenciar a dimensão estética. As sessões ocorreram nas sextas às 19h, no Auditório 1 do Centro de Artes, cada sessão iniciava na penumbra, apenas com uma vinheta azul projetada ou, posteriormente, vermelho, conforme a temática. Também eram criadas playlists, baseando-se na atmosfera, narrativa e apelo estético de cada filme. Com temas como violência, abuso, depressão, buscou-se instigar o espectador a um cinema polêmico.

Para tanto, tomo uma dinâmica específica, o cineclubismo, como um exemplo de prática ligada à sétima arte que gera impactos nas vivências dos indivíduos ou, dito de outro modo, como um processo de formação, passível de apreensão nas maneiras como determinados hábitos culturais transformam-se em saberes presentes nos corpos, nos pensamentos, nas percepções e nas ações de inúmeros agentes sociais. (SILVA, p. 140, 2008)

O termo cinefilia no livro de mesmo nome é descrito pelo autor Antoine de Baecque, crítico de cinema, como uma invenção de um olhar, considerada como maneira de assistir aos filmes, falar deles e em seguida difundir esse discurso. No Cine Miolo a cinefilia adquiriu também a função de conceder espaço a filmes produzidos muitas vezes por corpos dissidentes, que questionam padrões hegemônicos e fazem parte da contracultura.

Portanto, a escrita da cinefilia, assim como sua prática assídua de frequentar as salas, é por um lado marcada pela erudição e a acumulação de um saber, tomando emprestadas as próprias armas da cultura acadêmicas, e por outro oriunda de um círculo clandestino, de uma obsessão pelo complô, de um tráfico que recicla esse saber, essa prática de espectador, e o transforma numa contracultura provocadora. (BAECQUE, p. 44, 2011)

A curadoria dos filmes foi elaborada em duas partes, tendo duas cores como símbolo. A primeira, o azul, refletindo o surrealismo como tema. Já a segunda, o vermelho, para discutir sangue. O Instagram foi utilizado como plataforma para divulgação, também serviu como ferramenta cultivadora de um sistema de movimentos para o anúncio de cada filme. Nele, criou-se vídeos no formato reels, onde os discentes exploraram cenários, sonoridades e visualidades que referem as obras.



Figura 2: Grade do @cineclubemiolo no Instagram. (Fonte: arquivo pessoal)

Cabe ressaltar que a ação foi produzida por alunos que atuantes de diferentes áreas da arte e da cultura, produzindo através da linguagem do cinema um conjunto de atividades artísticas como a construção de uma identidade visual

própria e característica do cineclube, serigrafias e vídeos utilizados na divulgação das sessões. A identidade visual parte do uso imagético de vinhetas com abertura circular, o uso de músicas que dialogam e adensam a narrativa dos filmes escolhidos. As cores, azul e vermelho, foram escolhidas para representar a tristeza, a melancolia, a violência e a visceralidade reconhecidas na narrativa dos filmes exibidos.

Na divulgação da sessão de *Saint Maud* (2019) da diretora britânica Rose Glass, o vídeo produzido buscou fazer alusão direta a uma cena do filme, no qual a personagem em estado de psicose religiosa ora no seu altar com várias imagens de figuras católicas. No primeiro plano do vídeo observa-se mãos acendendo uma vela, depois diversos santinhos colados em uma parede branca, um deles da santa *Maud* pega fogo e as chamas o consomem, referência ao final do filme em que a personagem que acredita ser um anjo, um messias, atea fogo a si mesma. O segundo formato de vídeo produzido pela equipe começa a ser utilizado na fase vermelha da curadoria, um *edit* ou compilado de cenas de cada filme, com uma música escolhida que conecta-se com as imagens. Na sessão de *Bones and All* (2022) do diretor italiano Luca Guadagnino, os planos selecionados possuem majoritariamente muito sangue, para esta compilação foi utilizada a música *Strangers* da cantora Ethel Cain, dialogando com o tema da obra, romance e canibalismo.

E, por fim, a serigrafia desempenhou um importante papel nas sessões, eram sorteadas duas cópias ao final de cada exibição. Produzidas no ateliê de serigrafia do Centro de Artes, a imagem reticulada era um frame escolhido de cada filme. Assim, aproximou-se o espectador das visualidades de cada obra cinematográfica e também da arte produzida pelos discentes. Um souvenir que também incentivava as pessoas a continuarem frequentando as sessões seguintes.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A última sessão do Cineclube Miolo antes de entrar em hiato por tempo indeterminado foi a de *Mulholland Drive* (2001), de David Lynch, no dia 28 de março de 2025. O Instagram teve sua estética alterada de vermelho para preto, como anúncio do hiato. Após a exibição, foi expressado um breve agradecimento ao público, como um “até logo”.

Nesta primeira fase do cineclube foram exibidos catorze filmes, de agosto de 2024 a março de 2025, sete “azuis”: *The Square* (2017) de Ruben Östlund, *Titane* (2021) de Julia Ducournau, *I Saw The TV Glow* (2024) de Jane Schoenbrun, *Mysterious Skin* (2004) de Gregg Araki, *Saint Maud* (2019) de Rose Glass, *The Piano Teacher* (2001) de Michael Haneke e *Lilja 4-ever* (2002) de Lukas Moodysson. Cinco “vermelhos”: *Martyrs* (2008) de Pascal Laugier, *Bones and All* (2022) de Luca Guadagnino, *Thirst* (2009) de Park Chan-Wook, *Suspiria* (2018) de Luca Guadagnino, *Tom At The Farm* (2013) de Xavier Dolan e *Trouble Every Day* (2001) de Claire Denis. O último filme exibido, conforme citado anteriormente, foi *Mulholland Drive* (2001).

4. CONSIDERAÇÕES

No decorrer das sessões, o Cineclube Miolo tornou-se um lugar marcado pela presença assídua de diferentes espectadores, oriundos de dentro e de fora

do ambiente acadêmico, que contribuíram para a construção e ativação do espaço de contracultura proposto pelo projeto. Além disso, o notável interesse do público pela cinefilia proposta era visível para além do auditório lotado, mesmo em finais de semestre, quando após cada sessão, no exterior da sala, formavam-se rodas de conversa que estendiam-se para o exterior da universidade. A partir disso, construíam-se coletivamente diferentes olhares acerca das discussões propostas, demonstrando o impacto do cinema como um potente agente de transformação cultural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, P. D. **Circuito Cineclube: trânsitos audiovisuais**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BACQUE, A. **Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura 1944 - 1968**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.